Aos três dias do mês de dezembro, do ano de dois mil e vinte, às dezoito horas e trinta minutos, no ambiente virtual de aprendizagem, cujo suporte foi fornecido pela empresa Google Meet™, reuniu-se a banca examinadora composta pelos professores:

Helder Rodrigues Pereira (Presidente);

Ricardo Bageto Véspoli e

Eloísa Aparecida de Castro,

a fim de proceder à avaliação da apresentação do trabalho de conclusão de curso de Psicologia das alunas **Maria Gabriela Campos Nascimento** e **Wanessa de Paula**, regularmente matriculadas sob números **161-001405** e **161-003655**, respectivamente.

O trabalho, orientado pelo Professor Wanderley Magno de Carvalho teve como título **A questão da cientificidade da Psicanálise em Jacques Lacan**.

Ao final da apresentação, a banca deliberou e fez as seguintes considerações:

Rever a redação do texto, por vezes uma única oração compõe um único parágrafo. A eficácia da Psicanálise não precisa ser afirmada, pois isto já está posto pela clínica e pela teoria. Rever a conclusão, que deve ser redigida em termos de síntese. Adequar o artigo ao formato do template proposto, tendo atribuído às alunas a nota **96,0 (noventa e seis)**, considerando o artigo **EXCELENTE**.

Sem mais considerações e para que produza seus efeitos legais, esta ata foi lavrada e vai assinada pelos professores avaliadores e pela aluna avaliada.

Barbacena, 03 de dezembro de 2020.

Presidente da banca: _____

Componente da banca: _____

Componente da banca: _____

Aluno: _____

Aluno: Wanessa de Paula _____

UNIPAC

Centro Universitário Presidente Antônio Carlos

A QUESTÃO DA CIENTIFICIDADE DA PSICANÁLISE EM JACQUES LACAN[1]

Maria Gabriela Campos Nascimento *

Wanessa de Paula **

RESUMO

O presente artigo apresenta e discute a cientificidade da psicanálise a partir do aporte teórico do psicanalista Jacques Lacan, e levanta a hipótese de que ela é uma ciência do singular, a qual privilegia, através da escuta, a verdade do sujeito do inconsciente. Inicia com uma discussão acerca das ciências, compreendendo-as em sua pluralidade e desmistificando uma suposta hegemonia da ciência Moderna de formatos hipotético-dedutivo e lógico experimental. Apresenta as contribuições de autores como Chalmers (1993) e Badiou (1996) para a discussão sobre as ciências, bem como os critérios de cientificidade de N. Abbagnano (2007). O artigo prossegue com observações sobre algumas referências de Lacan às ciências e à cientificidade da psicanálise, e finaliza com uma renovada aposta na tese, permanente em Freud, de que sua criação seja uma ciência.

Palavras-chave: Psicanálise. Ciências. Lacan. Singular.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a questão da cientificidade da psicanálise em Lacan. Para isso, faz-se necessário, em um primeiro momento, uma discussão acerca das Ciências destacando a importância de compreendê-las no plural, e não reduzi-las a um termo que traduza uma ideia unívoca sobre as mesmas.

---

[1] TCC em formato de artigo, apresentado ao Centro Universitário Presidente Antônio Carlos (FACEC), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

* Maria Gabriela Campos Nascimento – Graduanda em Psicologia (maria-gabriela97@hotmail.com);

** Wanessa de Paula – Graduanda em Psicologia (wanessadepaulaa@hotmail.com).

Em um segundo momento, o trabalho trará alguns apontamentos acerca da cientificidade da psicanálise em Jacques Lacan, visto que o autor abrange, ao longo de seus seminários, aspectos referentes a esse tema e apresenta discussões e críticas à ciência Moderna.

Ao final, o presente artigo buscou reunir argumentos em defesa da hipótese da cientificidade da psicanálise, apontando a existência de evidências que permitam certificar essa cientificidade no que se refere ao seu método, seus conceitos e sua prática.

O estudo em questão emerge da necessidade de explicitar, por intermédio de uma apresentação coerente, elementos que possam clarificar para a sociedade, a psicanálise enquanto uma ciência do singular, a qual possui uma dinâmica e um dimensionamento próprios, entretanto, cabíveis na configuração do conhecimento científico.

Nesse sentido, é importante destacar que reunir argumentos em defesa da hipótese apresentada, permitirá seu reconhecimento pelas comunidades acadêmica, científica e profissional, bem como contribuirá para que a psicanálise siga demonstrando sua eficácia no tratamento psicológico da população.

1 AS CIÊNCIAS E A PSICANÀLISE

O objeto da presente pesquisa tem como foco privilegiado apresentar a questão da cientificidade da psicanálise em Jaques Lacan, tendo como base a discussão sobre a pluralidade das ciências, uma vez que a ciência não olhada na pluralidade, designa uma única ciência, a Moderna, enquanto que existe uma multiplicidade de metodologias e modos de concepção, produção e intervenção construídos em diversos saberes e áreas do conhecimento.

Nessa perspectiva, foi imprescindível consultar autores que compreendem a importância da discussão sobre as ciências desmistificando a soberania de um único modelo cientifico. Um dos autores abordados é Chalmers (1993) que contribui para a discussão à medida que problematiza a questão da

experiência que engloba o aspecto singular de cada observação. O autor indaga por quais meios é possível extrair das afirmações singulares, resultantes das observações, afirmativas universais que constituam o conhecimento científico. Nesse viés Chalmers (1993) expõe que a partir do indutivismo é legitimo padronizar observações singulares para servirem de leis universais, desde que certas condições sejam satisfeitas. Pensando na submissão do conhecimento da ciência Moderna em razão dos seus próprios métodos, Heidegger (1952/2006 apud CARVALHO, 2019, p.90) vem dizer: “Cada vez mais, a ciência Moderna se torna aplicação de técnica”.

Sob esse prisma, a discussão levantada no presente trabalho sobre as ciências, possibilitou abrir caminhos para pensar a cientificidade da psicanálise, bem como sua teoria, objeto e métodos de trabalho que não são os mesmos que o da ciência Moderna hipotético-dedutiva e lógico-experimental, no entanto, são legítimos e científicos. Com Freud, a experiência cientifica da psicanálise se constituiu e se constitui em cada caso e em cada encontro, levando em consideração a singularidade de seu objeto (o sujeito do inconsciente deste paciente, um a cada vez). No entanto, em psicanálise, o aspecto singular não descaracteriza a cientificidade da teoria e da prática, pelo contrário, legitima a particularidade dessa ciência. O sujeito do inconsciente não é submetido a verdades pré-estabelecidas, mas convidado, a partir dos métodos psicanalíticos como a associação livre (por parte do analisante) e a atenção flutuante (por parte do pesquisador), a apresentar sua própria verdade. Essa é a originalidade da ciência de Freud comparada à outras ciências, é seu caráter singular.

Para Lacan (1953-1954) a ciência psicanalítica, em suas observações cientificas, não pode ser reduzida apenas a um olho, mas deve priorizar o ouvido e a escuta. Escuta esta, que em conjunto com as intervenções analíticas constitui os principais métodos para possibilitar a emergência de uma verdade singular, verdade de cada paciente.

Nessa óptica, a pesquisa discorrerá sobre a cientificidade da psicanálise com base em autores que sustentam essa ideia, bem como autores que discutem a pluralidade das ciências e suas particularidades, desmistificando a

hegemonia da ciência Moderna hipotético-dedutiva e lógico-experimental, sendo que é possível pensar outros tipos de ciências, e é isso que será apresentado.

O estudo em questão, emerge dessa necessidade de explicitar, por intermédio de uma apresentação coerente, elementos que possam clarificar para a sociedade, a psicanálise enquanto uma ciência do singular, a qual possui uma dinâmica e um dimensionamento próprios, entretanto, cabíveis na configuração do conhecimento científico.

Acerca das hipóteses levantadas na referida pesquisa, pode-se denotar que a psicanálise, segundo os autores estudados, constitui-se como um campo científico, entretanto, com suas especificidades, que não diminuem o seu valor enquanto ciência. Priorizando a obra de Lacan, a qual traz bases sólidas para a discussão científica da psicanálise, evidencia-se o caráter científico abordado ao longo de sua teoria e da sua experiência enquanto analista, conteúdos encontrados em seus seminários.

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1.1 Discussão sobre as ciências

O termo “a ciência” parece ser usado, muitas vezes, para designar um único modo de se praticar as ciências, o qual segue os passos dos métodos hipotético-dedutivo e lógico-experimental (doravante denominados em alguns momentos deste texto, como “métodos HDLE” e também como “ciência HDLE”), ao passo que existe uma multiplicidade de métodos e práticas que geram saberes diversos e criam campos de pesquisa e ciências diversas. Por orientação ou método lógico-experimental, segundo Laville e Dione (1999, p.139) refere-se a “uma pesquisa que visa demonstrar a existência de uma relação de causa e efeito entre duas variáveis”, ou seja, o pesquisador, ao manipular uma variável em questão, tem como finalidade precisar se essas mudanças nela afetam outra variável.

Por orientação ou método hipotético-dedutivo, refere-se, no estudo em questão, a um modo de raciocinar sobre os achados de uma pesquisa, que foi aperfeiçoado por K. Popper e seu método de falseamento, assim definido por Marconi e Lakatos (2003) e resumido por Carvalho (2017):

> Todo pesquisador inicia seu trabalho pela eleição de um problema teórico ou prático, sentido, e rigorosamente definido. Em seguida, ele admite a proposta de uma conjectura (uma teoria explicativa) que resolva aquele problema. Essa teoria (explicação provisória) passa a ser imediatamente objeto de testes de falseamento (ou refutação), ou seja, testes que, contextualizados àquele problema específico, irão corroborá-la ou demonstrar seu erro, preferencialmente através da observação e experimentação (é através destes dois, que o método hipotético-dedutivo de Popper faz aliança com o método lógico-experimental). Se não for corroborada, será substituída por uma teoria melhor (no sentido de ter maior conteúdo empírico e mais informação). A nova teoria também passará a se submeter aos testes de refutação. (CARVALHO, 2017, p. 23).

A partir desses métodos criou-se um modelo de ciência, o qual se estendeu à cultura acadêmica e científica, de tal maneira que culturalmente chegou a tentar deslegitimar a cientificidade de outros campos do saber. Todavia, pensando na submissão do conhecimento desse tipo de ciência Moderna aos seus próprios métodos, mais do que um orientar-se pela racionalidade que os engendra, Heidegger (1952/2006 apud CARVALHO; FRANÇA NETO, 2019, p. 90) vem dizer: “Cada vez mais, a ciência Moderna se torna aplicação de técnica”.

Santos (2008) em sua obra *Um discurso sobre as ciências*, destaca que a racionalidade da ciência moderna se constituiu a partir da revolução cientifica do século XVI, prosseguindo com a soberania das ciências naturais e transformando-se em um modelo global e totalitário na medida em que negava aos outros saberes, um caráter racional baseado, apenas, na epistemologia e regras metodológicas delas – ciências naturais. Dessa maneira, os saberes antes estabelecidos sofreram uma decadência em relação à ciência Moderna Natural, que passou a adquirir um caráter hegemônico e pretensamente absoluto.

Pode-se pensar o termo absoluto como uma prerrogativa dessa ciência que desenvolveu os métodos HDLE, uma vez que a mesma tenta transformar seus conhecimentos em únicos válidos. Entretanto, o conceito de ciência está submetido a vários olhares, o que possibilita uma desconstrução dessa pretensa soberania a respeito do que são as ciências.

Pode-se destacar em Abaggnano (2007), um sintético panorama do que disseram os grandes luminares do pensamento filosófico, a respeito das ciências. Platão afirma que a opinião se distingue da ciência por sua ausência de garantia acerca de sua validade. Aristóteles, embora tenha uma perspectiva mais circunstanciada, segue o mesmo modelo demonstrativo, e aponta que o objeto estudado não se diferencia do que ele é. Euclides apresenta a matemática como ciência perfeitamente dedutiva, sem nenhum recurso à experiência ou indução, fazendo-se presente como matriz de muitas ciências, até hoje. Os estóicos afirmam que a ciência é compreensão segura, permanente e estável, além de legitimada na razão. Descartes pretendia organizar todo o conhecimento humano pelo padrão aritmético e geométrico, as únicas ciências que ele julgava desprovidas de falsidade e incerteza, por fundarem-se completamente na dedução.

Abaggnano (2007) destaca, ainda, que, para Kant, a unidade sistemática é o que faz de um conhecimento comum, uma ciência, sendo sistema uma unidade de conhecimentos múltiplos reunidos sob uma única ideia. Fichte dizia que uma ciência deve ser uma unidade e que as proporções isoladas frequentemente não são ciência, mas tornam-se ciência só no todo, graças à sua relação com o todo. Hegel afirma que a verdadeira forma da ciência existir se deve ao seu sistema científico. Husserl via o caráter essencial da ciência na unidade sistemática, e para que a filosofia fosse rigorosa, ela teria que adotar o modelo sistemático. A posição de Abaggnano (2007) é assim pronunciada:

> Se hoje podemos considerar superado o ideal clássico de C. como um sistema acabado de verdades necessárias por evidência ou por demonstração, o mesmo não se pode dizer de todas as suas características. Que a C. seja, ou tende a ser, um sistema, uma unidade, uma totalidade organizada, é pretensão que as outras concepções da própria C. também têm. (ABAGGNANO, 2007, p.138)

Nesse ângulo, é importante destacar que a racionalidade em que a ciência Moderna se baseia para se tornar generalizável, parte de observações singulares dos próprios pesquisadores. Sobre isso, Chalmers (1993), em seu livro intitulado *O que é a ciência afinal?*, vem levantar a seguinte questão:

> Se a ciência é baseada na experiência, então por que meios é possível extrair das afirmações singulares, que resultam da observação, as afirmações universais, que constituem o conhecimento científico? Como podem as próprias afirmações gerais, irrestritas, que constituem nossas teorias, serem justificadas na base de evidências limitadas, contendo um número limitado de proposições de observação? (CHALMERS 1993, p.21).

Sua resposta torna-se clara: o salto das observações que levam a afirmações singulares para proposições mais gerais é possível a partir do pensamento indutivista, que ele caracteriza como “indutivismo ingênuo”, o qual afirma que, desde que certas condições sejam satisfeitas, é legítimo generalizar-se, de uma lista infinita de proposições de observações singulares, para uma lei universal (CHALMERS 1993, p. 21).

Assim, fica evidente como a observação da ciência Moderna é fragmentada no sentido de que, ao pegar partes das observações singulares, ela configura sua própria observação e a transforma em generalizável. Dessa forma, o que antes era uma experiência singular, se transforma numa afirmação geral e se estende à tentativa de preencher as lacunas do conhecimento científico mais amplamente aplicado, ou seja, generalizado. Entretanto, ao pensar sobre isto no campo das psicologias e, mais especificamente, no campo das psicologias clínicas (incluindo-se aí, a psicanálise), ao ignorar o inédito de cada observação e escuta singular, a Psicologia Moderna, eminentemente, lógico-experimental e hipotético-dedutiva, ignora também o que há de mais verdadeiro em cada experiência: a verdade de cada sujeito. Voltando a Chalmers (1993, p.25), ele afirma que o método indutivo é equivocado e perigosamente enganador.

Consonantes com o pensamento de Chalmers (1993), pode-se acreditar que todo conhecimento científico parte de experiências inéditas que, em função dos protocolos e padrões de pesquisa estabelecidos, perdem justamente, ao

olhar dos próprios pesquisadores, seu ineditismo. Com isso, não é difícil pensar o tanto de materiais e conteúdos valiosos que escorrem para o ralo do campo científico, por não servirem a um padrão estabelecido de ciência. Os próprios cientistas estão a mercê de seus experimentos, servindo-se de objetos para que seus métodos usurpem justamente o que lhes interessa. Os escravos da ciência são os próprios cientistas à medida que se colocam como instrumentos, tendo que renunciar ao que lhes é mais próprio, suas experiências singulares com os elementos de suas pesquisas.

Nessa linha, e com o intuito de enriquecer a discussão levantada por Chalmers (1993) recorre-se a Badiou (1996 apud CARVALHO, 2017), filósofo contemporâneo que revisitando os primórdios da filosofia em seu livro *O ser e o evento* (1996) responde ao dilema inaugural da filosofia ocidental, afirmando que tudo é múltiplo e que o Um nunca se apresenta.

Para Badiou (1996), só há multiplicidades e o que se deve levar em consideração são os múltiplos. A partir dele pode-se propor que nas observações feitas pelos pesquisadores dos métodos HDLE, o que se apresenta são multiplicidades de cada experiência de observação, e não somente uma parte extraída e conveniente aos seus interesses que os levam àquelas afirmações singulares, destacadas por Chalmers (1993). Sob esse prisma, pode-se afirmar que a ciência HDLE, enquanto saber que se pretende absoluto e inquestionável, se engana ao ignorar as verdades de vários outros fragmentos, ou multiplicidades de suas experiências, os quais são, para ela, irrelevantes quando do momento de uma observação.

Destaca-se, ainda, de Badiou, segundo Araújo e Siqueira (2018, p. 39), sua teoria “formal das verdades”, na qual ele explicita que verdades são multiplicidades puras que dependem de um acontecimento[2], as quais podem surgir através da ciência, da arte, da filosofia ou do amor – estes, os procedimentos genéricos das verdades. Todavia, mesmo sendo decorrentes de

[2] Um evento (ou acontecimento), em Badiou, é aquilo que, dada uma situação que comporte vários elementos estabelecidos e reconhecidos na situação, produz uma mudança radical na mesma e faz um furo nos conhecimentos que se tem daquela situação, promovendo mudanças, as quais, autentificam aquele evento. (CARVALHO, 2020, comunicação oral)

tais procedimentos, as verdades são sempre uma novidade que não se submete à estrutura da situação. Ainda segundo BADIOU (1996 apud Araújo e Siqueira, 2018, p. 39) “para que uma verdade afirme sua novidade, tem de haver um suplemento, o qual está entregue ao acaso. Ele é imprevisível e incalculável”. Pois sempre haverá um resto indomável e incapaz de se aprisionar a procedimentos tradicionalmente usados para produzir conhecimentos.

Levantar-se-á uma questão: como as ciências contemporâneas (a dos métodos HDLE, e a psicanálise, por exemplo), levariam em conta, na conta de suas práticas, tal suplemento?

Tomando como base o pensamento acima, é possível concordar que as ciências são procedimentos de verdades, mas não são as únicas produtoras de verdades, nem tampouco, se esgotam em seus próprios procedimentos, uma vez que a verdade depende de um acontecimento, mas não se reduz a isso. Nesse viés, abre-se novos caminhos para se pensar as ciências. Não mais aprisionadas pela racionalização dos métodos HDLE, visto que, a própria ciência que se pretende a isso é limitada e parcial.

Pensando nas condições e consequência das práticas científicas dominadas por aqueles métodos, recorreu-se a Boaventura de Souza Santos, doutor em Sociologia do Direito e importante epistemólogo contemporâneo. Refletindo sobre as ciências e mudanças de seus paradigmas, Santos (2008, p. 41) afirma que “a crise do paradigma dominante é o resultado interactivo de uma pluralidade de condições. Pode-se distinguir entre condições sociais e condições teóricas”. Para o autor, a identificação dos limites e dos problemas estruturais do modelo científico moderno é ocasionado pelo enorme avanço no conhecimento que ele propiciou. Dessa maneira, o aprofundamento do conhecimento destacou a fragilidade dos pilares em que se funda - exemplo disso, é a teoria da relatividade e da simultaneidade de Einstein, que veio revolucionar a concepção de espaço e tempo. Com Einstein, segundo Santos (2008, p. 42) “a simultaneidade de acontecimentos distantes não pode ser verificada, pode tão-só ser definida”.

Segundo o sociólogo, o uso do método experimental tem consequências importantes: inclusive sobre a natureza: “o conhecimento científico moderno, sendo um conhecimento mínimo que se fecha a outros saberes sobre o mundo, é um conhecimento desencantado e triste que transforma a natureza em algo mecânico”. Essa desonra da natureza acaba por aviltar o próprio cientista, na medida em que reduz o discurso experimental ao exercício de uma prepotência sobre a natureza (SANTOS, 2008, p. 53-54).

Recorrendo a Heidegger para complementar essa discussão acerca das ciências, o filósofo alemão afirma que haveria um déficit de pensamento produtivo da ciência moderna, a respeito dela mesma e de seus efeitos:

> (...) à ciência moderna não acessa a própria essência porque ela não pensa. Ela não pensa por que, segundo o modo do seu procedimento e de seus recursos, ela jamais pode pensar. Cada vez mais, a ciência Moderna se torna aplicação de técnica. E sempre se depara, e se encontra, apenas, com o que o seu modo de representação, previamente, lhe permite e lhe deixa como objeto possível. (HEIDEGGER, 1952,2006 apud CARVALHO; FRANÇA NETO, 2019, p.90).

Assim, é possível compreender a submissão do conhecimento científico aos seus próprios métodos, inclinados a direcionarem e moldarem qualquer tipo de experiência para o interesse de uma ou outra classe científica, conforme a situação em contexto.

Carvalho e França Neto (2019) enfatizam que o filósofo Heidegger lamenta que as ciências cometam o mesmo engano das filosofias que ele denomina de ontológicas, as quais identificam os entes ao ser, reduzindo-o a algo calculável. Para entender a crítica de Heidegger, deve-se considerar, primeiramente, o que são o ser e o ente para aquele filósofo. Em Heidegger (1927,1997), citado por Carvalho e França Neto (2019, p. 86) “ente é tudo de que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós somos”. O ser, para o filósofo, está naquilo que é e como é, no teor e recurso, no valor e validade, na presença, no que há. Todavia, o ser não se deixa representar pelo ente.

Posto isso, pode-se considerar que a crítica do filósofo Heidegger denuncia a tentativa da ciência Moderna de reduzir o ser a um ente, entificando-o e transformando-o em um conceito generalizável. Sobre isso, o filósofo destaca: “Ao se determinar a essência deste ente “homem”, a questão do ser foi esquecida. Ao invés de questioná-lo, concebeu-se o ser do “homem” como evidência, no sentido de ser simplesmente dado junto às demais coisas criadas” (HEIDEGGER, 2005, p. 86).

Seguindo seu pensamento, é exequível a ideia de que a ciência Moderna, guiada por seus métodos tem por finalidade a redução do seu objeto de estudo a algo conceitual, onde a mesma consegue manter certo controle sobre tudo o que pretende conhecer. É nesse sentido que o conhecimento científico é perigoso e enganoso, por pretender dar sentido a tudo o que lhe é conveniente. Essa conveniência, diz respeito a certo grupo a quem essa ciência se direciona, seja para fins sociais ou/e econômicos. É inegável a prerrogativa de que para manter uma conjuntura social é importante que se estabeleçam certos conhecimentos e leis, e, por vezes, a ciência Moderna se oferece a isso, mesmo que o interesse seja para benefício de apenas uma parcela da sociedade. Portanto, mesmo que se proponha absoluto e inquestionável pelos seus métodos baseados na racionalidade, o conhecimento científico é parcial, intencional e limitado.

1.1.2 Lacan e as ciências

Quais terão sido as principais ideias de Lacan (1901-1981), a respeito das ciências e do sempre presente tema da cientificidade da psicanálise? Para responder a isto, foi realizada a leitura de algumas passagens dos primeiros Seminários do psicanalista francês.

Para Lacan, pode-se considerar o discurso científico moderno (este, que temos denominado como “ciência HDLE”) como o discurso do mestre, anunciador inquestionável de uma verdade absoluta (LACAN, 1969-1970, p. 27).

No entanto, verdades absolutas não existem e é preciso considerar isso, para não ir em direção a um reducionismo cientificista.

Lacan (1998) denota que a psicanálise como prática e o inconsciente de Freud como descoberta, jamais teriam lugar antes do nascimento da ciência cujo modelo é, hoje, hegemônico. Lacan (1998) ainda vem dizer que Freud teria sempre se mostrado seguro e com um rigor inflexível. Partindo dessa premissa, ele vem ressaltar: “Freud avança numa pesquisa que não é marcada pelo mesmo estilo que as outras pesquisas científicas, sendo que seu domínio é a verdade do sujeito” (LACAN, 1953-54, p. 31). Entretanto, Lacan denota que aquilo em que Freud se compromete enquanto pesquisa que prioriza a verdade do sujeito, não se reduza método científico comum. Tal interesse delegou às suas relações com os pacientes, um caráter singular.

Nesse sentido, Lacan sempre se manteve fiel ao rigor científico de Freud, conservando o que é mais íntimo na teoria do criador da psicanálise, o inconsciente. A maneira singular como o autor apresenta a psicanálise, traz um novo olhar para a teoria psicanalítica, demarcada pelas construções originais que imprime em suas obras. Para ilustrar algumas de suas originalidades, pode-se considerar com Hanna (2018, p. 54-55), o esquema L como uma elaboração importante na obra do mestre francês. O esquema introduz relações de lugar, interposição, sucessão e sequência e é composto de quatro elementos, a saber: sujeito, a’ (outro), a (eu), e A (Outro). Outra importante contribuição do psicanalista foi a Fórmula da Metáfora Paterna, que apresenta uma concepção mais precisa do Complexo de Édipo, articulado ao complexo de castração e que diz respeito à relação entre o pai, a mãe, a criança e o falo, e que se caracteriza como uma operação de substituição de significantes (HANNA, 2018, p. 61). Os temas são caminhos que o autor encontrou para desenhar e transmitir a psicanálise. Todavia, ele não a reduz a fórmulas.

Lacan (1953-1954), no *seminário, livro 1,* traz que a análise, como ciência, é sempre uma ciência do particular (LACAN, 1953-1954, p.31), mas que a realização de uma análise é um caso singular. A experiência analítica com Freud, diz ele, representa a singularidade levada ao seu extremo, pelo fato de que Freud

começava a construir e a verificar a própria análise. Desse modo, a experiência verdadeiramente original desse particular assumiu, pois, um valor ainda mais singular.

Nessa concepção, para Lacan (1953-1954), toda ciência (as ciências praticadas conforme o modelo Moderno predominante) se debruça sobre o fato de que reduz o sujeito a um olho, e é por isso que ela se encontra projetada diante de todos, isto é, objetivada. Segundo Lacan, para nos reduzirmos um instante a ser apenas um olho, seria preciso que nos colocássemos na posição do cientista que pode decretar que ele é apenas um olho. Contudo, adverte o autor, na vida, as coisas são plenamente diferentes, porque não somos um olho (LACAN, 1953-54, p. 97).

Enquanto as ciências praticadas segundo o modelo Moderno hegemônico visam a observação e o olhar, a psicanálise prioriza o ouvido e a escuta. Escuta esta, fundamentada em um corpo teórico consistente e na vivência prática do analista no setting terapêutico. A escuta do analista é a principal ferramenta de trabalho da psicanálise, uma vez que ela, por intermédio da atenção flutuante, vai ao encontro da singularidade do sujeito identificando a situação do mesmo no mundo da linguagem.

A esse respeito, Lacan (1953-1954), nos mostra, ainda, que na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo tal como ele resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito é caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, ou em outros termos, no mundo da palavra. Desse modo, pensar singularidades em Lacan, é compreender que cada indivíduo apresenta articulações significantes próprias que o direcionam na vida. Nesse aspecto, verdade em psicanálise, se apresenta como singular, na medida em que abrange uma cadeia de significantes próprios de cada indivíduo que se submete à análise.

Anteriormente a Lacan, Freud (1912) em *A dinâmica da Transferência*, enfatiza que cada indivíduo, através da ação combinada das disposições inatas e seu histórico dos primeiros anos, concebe um método próprio de guiar-se na vida erótica. Isso corrobora a ideia de que cada indivíduo é único em sua

singularidade, se ligando à vida por meio de uma leitura simbólica do que lhe foi apresentado durante seu desenvolvimento.

Lacan (1956) salienta no *Seminário, livro 3*, que o interesse, o desejo, a apetência que prende o sujeito em uma significação, leva-lhe a investigar o tipo, o molde, a pré-formação no registro das relações instintivas, onde esse sujeito aparece correlativo do objeto. Disso, decorre a construção da teoria dos instintos, fundações sobre a qual repousa a descoberta analítica.

Nesse âmbito, Lacan (1956) apresenta ainda que a genealogia dos significantes é essencial a um ser humano para se reconhecer. Não são simplesmente estacas de orientação, nem moldes exteriores, estereotipados, aplicados às condutas, nem simplesmente padrões. Assim se exprime para ele, a ciência Moderna: toda vez que ela se acha diante de algo que ultrapassa os cérebros daqueles para os quais parece que, a fim de entrar no domínio da cultura, a condição necessária é que nada a prenda a um desejo qualquer que os humanizasse. Nesse viés, o evolucionista atual crê tudo poder explicar.

Diferenciando a psicanálise das ciências positivistas, Lacan (1956) destaca que a primeira nada tem a haver com a compreensão apressada das outras - compreensão curto-circuitizada, que simplifica e reduz seu alcance. Ao contrário, a psicanálise visa a explicação, a identificação de fatores e situações que possam contribuir ou ter contribuído para a ocorrência de determinado fenômeno ou situação hoje problemáticos para o paciente, respeitando a singularidade e o tempo do sujeito do inconsciente de cada um.

Lacan (1956) vem dizer, ainda, que é da necessidade de uma orelha, de outro, auditor, que deriva a técnica analítica, caminho de sua cientificidade. A análise do sujeito não pode ser realizada senão com um analista. Isso lembra que o inconsciente é essencialmente fala, fala do outro, e esta não pode ser reconhecida senão quando o outro a remete. Nesse sentido, a escuta psicanalítica se direciona ao caminho contrário dos métodos que tendem a reduzir o indivíduo a um mero objeto de observação, ou a uma única parte de um todo articulado, desconsiderando que o mesmo é banhado pela linguagem e a verdade só pode ser expressa a partir da consideração dos significantes.

Refletindo sobre o homem e a linguagem, Lacan (1956) afirma que a psicanálise deveria ser a ciência da linguagem habitada pelo sujeito. Na perspectiva freudiana, o homem é o sujeito preso e torturado pela linguagem e na relação do homem com ela, seu ego não é absolutamente unitário, sintético; é decomposto, complexificado em diferentes instâncias: o eu, o superego, o isso (LACAN, 1956, p. 276-277). Esse apontamento trazido por Lacan, denota uma das peculiaridades da psicanálise, que apresenta a sua cientificidade envolta em multiplicidades e não em um algo único, afinal, até mesmo o ego não é uma instância absoluta e unitária, mas sim, permeado pela complexidade de várias instâncias.

Tudo isso não torna a psicanálise incompatível com o campo das ciências, mas sim, uma área que se mostra inédita porque abrange o que é singular a cada pessoa, compreendendo a mesma como sendo tão múltipla quanto outros objetos de estudo de outras ciências. Ela é, ainda, uma prática que não manipula ideias e conceitos para demonstrar como correta, uma predição. Trata-se de uma ciência que se propõe a aplicar a solidez do seu corpo teórico na prática da escuta das singularidades.

Trazendo para a discussão *O seminário, livro 4*, nele Lacan (1957) enfatiza que Freud muda as próprias bases da consideração psicológica ao lhe introduzir uma dimensão que lhe é estranha. O caráter estranho dessa dimensão, com referência a toda fixação psicológica do objeto, para o autor, é o que constitui a originalidade da psicanálise como ciência, e o princípio de base sobre o qual se deve conceber o progresso da mesma. Nesse enfoque, pode-se dizer que a psicanálise trabalha com a linguagem do inconsciente, entendendo que há algo que escapa à consciência reflexiva, algo que é deixado para traz. Isso se confirma na compreensão de que o analista não é o detentor do saber, mas sim, quem acompanha o sujeito na emergência da sua verdade, o que implica, muitas vezes, o estranho. Os outros saberes, por medo desse algo que escapa, rotulam o indivíduo não se havendo com o sujeito do inconsciente, mas com o que, para eles, deve ser um mero objeto a ser estudado.

Entende-se que a psicanálise jamais poderia ser direcionada por manuais e procedimentos padronizados, uma vez que reconhece que é na experiência singular de cada analista/analisando, que uma verdade vai se entrelaçar com as dimensões do Imaginário, Real e Simbólico dele. Assim, o próprio Freud (1911-1915, p. 112), em um *Artigo sobre a técnica*, admite que o que ele traz enquanto recomendação jamais pode ser descrito como uma exposição sistemática da técnica psicanalítica. Freud (1911) era extremamente cético em relação a um manual para jovens analistas. Todavia, respeitava e valorizava o primeiro passo de sua pesquisa cientifica, seu caráter singular e inédito, apreendido a cada encontro entre os pares. Sobre isso STRACHEY (1969) escreve:

> Depois de todos os seus estudos sobre técnica, contudo, Freud nunca deixou de insistir que um domínio apropriado do assunto só poderia ser adquirido pela experiência clínica e não pelos livros. Experiência clínica com pacientes, sem dúvida, mas, acima de tudo, experiência oriunda da própria análise do analista Esta, como Freud cada vez mais se convenceu, constituía a necessidade fundamental de todo psicanalista militante. (STRACHEY, 1969, p. 114).

A partir do exposto, cabe salientar que além da ciência psicanalítica se caracterizar pela experiência singular do analista com seu analisando, enfatiza-se com Freud, a importância da experiência do analista com sua própria análise pessoal. Isso é uma condição imprescindível para quem exerce a psicanálise, uma vez que diz da importância da análise pessoal em relação à própria atuação como analista, fazendo com que o mesmo não se perca e não se misture com as questões do paciente, em sua prática. A ciência de Freud é rígida quanto a isso, pois reconhece a análise pessoal como um atributo para que o analista seja capaz de exerce seu fazer.

1.1.3 Uma aposta: a psicanálise como ciência do singular

Diante do que foi apresentado até aqui, pode-se retornar a Abaggnano (2007) e ver se a psicanálise atende aos critérios exigidos por ele, para garantir que qualquer ciência seja válida. Os critérios são: que seus conhecimentos sejam demonstráveis, que as proposições que constituem o corpo linguístico de

uma ciência sejam compatíveis entre si, isto é, não contraditórias; que uma ciência qualquer tenha um adequado poder de descrição e que tenha o critério de autocorrigibilidade. A partir de tais critérios, segundo o autor, tem-se uma concepção mais crítica e menos dogmática do conhecimento científico.

Primeiramente pode-se dizer que a psicanálise é demonstrável, uma vez que a teoria do inconsciente aparece na fala do sujeito durante a análise, através da ,linguagem. Portanto, a partir das significações, o campo da consciência aumenta de materiais inconscientes. Outro aspecto, é que no momento da transferência com o analista, pode-se observar a mudança no comportamento do paciente como, por exemplo, na transferência erotizada, quando o paciente pode querer seduzir o analista, ou apresentar atos falhos, chistes, entre outros.

A psicanálise, como método, segue uma linha sólida, tendo um corpo teórico consistente. No entanto, admite que o aparelho psíquico é dotado de contradições pois o inconsciente possui uma lógica própria, diferente da lógica aristotélica presente no mundo moderno.

Quanto ao critério descricionista, a psicanálise, sim, o pratica quando, por exemplo, descreve o que se passa no psiquismo de um paciente (descrição metapsicológica freudiana e lacaniana) e descreve como o sujeito opera (descrição da posição subjetiva do paciente). Ela possui um poder de descrição tanto singular quanto genérico (singular poder de descrição dos casos clínicos que empreende desde Freud; genérico, visível nas teorizações publicadas, provenientes da escuta do analista frente a seus pacientes).

Critério da autocorrigibilidade: a teoria psicanalítica é auto corrigível. Possui o raciocínio de aperfeiçoamento. Exemplo disso, está na transformação do conceito de melancolia, em Freud, ao longo do tempo (CARVALHO, 2002).

Sob o prisma do conceito de singularidade, os estudos realizados possibilitaram abrir caminhos para se pensar que a cientificidade da psicanálise não é a mesma que a da ciência Moderna hipotético-dedutiva e lógico-experimental, mas, sim, que ela opera singularmente e porque opera justamente com a singularidade de cada paciente.

Em Lacan (1953-1954) encontra-se que se a análise, como ciência, é sempre uma ciência do particular, “a realização de uma análise é um caso singular” (LACAN, p. 31). A experiência analítica de Freud representa a singularidade levada ao seu extremo, pelo fato de que ele construiu e verificou a sua própria análise. Depois disso, com o mesmo Freud, a experiência cientifica da psicanálise se constituiu e se constitui em cada caso e em cada encontro, levando em consideração cada sujeito (o sujeito do inconsciente deste paciente: um a cada vez).

O aspecto singular da psicanálise, não descaracteriza a cientificidade da sua teoria e da sua prática, pelo contrário, legitima sua particularidade. O sujeito do inconsciente não é submetido a verdades pré-estabelecidas, mas convidado a apresentar sua própria verdade, a partir dos métodos psicanalíticos, tais como a associação livre (por parte do analisador) e a atenção flutuante (por parte do pesquisador). Essa é a originalidade da ciência de Freud comparada às outras ciências, este é seu caráter singular. Sua escuta direcionada ao sujeito do inconsciente acontece na singularidade de cada caso e de cada encontro clínico e, só assim, permitirá a emergência de uma verdade. De cada singular verdade descoberta a respeito do modo de funcionamento psíquico de um paciente, resulta que em psicanálise não se trabalha com “A Verdade”, mas com verdades.

Enquanto ciência, a prática analítica acaba incidindo sobre o absolutismo de ideias, hábitos e esquemas de pensamento presentes em cada indivíduo. Ela é também uma linha de pensamento crítico que denuncia a ilusão criada por algumas ciências Modernas HDLE, como vimos. Ilusão de que há uma verdade absoluta sobre as coisas e os homens. Aplicada a estes, tal ilusão poderá alienar cada indivíduo, do saber que ele poderia ter sobre si. Nesse ângulo, cabe notar que nem todo o conhecimento é apreendido pelos olhos das ciências que acreditam tudo ver, mas também por outros saberes que se orientam por outros sentidos, que não apenas os olhos.

A psicanálise, enquanto conhecimento científico, se vale do questionamento da existência de quem se põe a analisar, para anunciar a contradição inerente a cada um, dada a complexidade do seu aparelho psíquico.

É o que leva a refletir uma passagem lida em Lacan, na qual fala sobre a diferença máxima e a recusa a referências humanistas: “Uma coisa é certa: o sujeito está realmente ali, no âmago da diferença. Qualquer referência humanista a ele torna-se supérflua, pois é esta que ele corta de imediato” (LACAN, 1998, p. 871).

Assim, ao passo que a ciência Moderna positivista se interessa pela ordem e o progresso, a psicanálise se compromete com o que há de outras verdades do ser, a desordem e a contradição. Entretanto, essas ciências não são adversárias. Pelo menos, Freud não vê assim, já que a psicanálise surge paradoxalmente em razão da ciência Moderna convencional. A respeito disso, cabe lembrar Lacan, para o qual, “a psicanálise não implica outro sujeito, senão que o da ciência, amalgamado no discurso científico moderno” (LACAN, 1998, p. 871). Aquilo a que Freud se contrapõe diz respeito ao cientificismo demasiado, aquele que não mede esforços para se manter como único pensamento verdadeiro diante da sociedade e de outros saberes.

2 METODOLOGIA

Realizou-se uma pesquisa de tipo básica, exploratória e qualitativa, adotando a modalidade bibliográfica. Quanto à abordagem do problema, cujo tema é a questão da cientificidade da psicanálise em Jacques Lacan, trata-se de pesquisa qualitativa. A abordagem qualitativa é uma expressão usada “para designar pesquisas que, usando ou não quantificações, pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem” (CHIZZOTTI, 2010, p. 28) podendo este evento ser, por exemplo, até mesmo uma obra escrita que tenha deixado impacto na sociedade.

Segundo Prodanov (2013, p. 51), “a pesquisa básica objetiva fornecer conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática imediata, à medida que a pesquisa aplicada gera conhecimentos para aplicação

prática dirigidos à solução de problemas específicos". Em relação à pesquisa exploratória,

> é a pesquisa que está na fase preliminar, possuindo como finalidade proporcionar maiores informações acerca do assunto a ser investigado e promovendo, assim, sua definição e seu delineamento. Pode assumir, geralmente, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51-52).

Sobre a modalidade adotada, considera-se que o "delineamento de uma pesquisa se refere ao seu planejamento em sua dimensão mais ampla, envolvendo diagramação, previsão de análise e interpretação de coleta de dados" (PRODANOV, 2013, p. 54). A partir daí, existiriam dois grandes grupos de delineamentos: os que se valem das fontes de papel (pesquisa bibliográfica e pesquisa documental) e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas (pesquisa experimental, pesquisa *ex-post facto*, o levantamento, o estudo de caso, a pesquisa-ação e a pesquisa participante).

Na modalidade adotada, bibliográfica, procede-se ao *"*(...) estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos*"* (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

3 ANÁLISE DA PESQUISA

A presente pesquisa contemplou três tópicos centrais em torno da questão da cientificidade da psicanálise, tendo como fundamento principal, uma parte da obra do psicanalista francês, Jacques Lacan. Em um primeiro momento do estudo apresentou-se uma discussão teórica acerca das ciências, onde foi possível constatar, através de alguns autores, a soberania de uma certa prática em ciência Moderna, em comparação com outras práticas. Referindo-se, então, às ciências que seguem os modelos hipotético-dedutivo e lógico-experimental.

Para Santos (2008), a racionalidade da ciência Moderna ganhou força a partir da revolução científica do século XVI, transformando-se em um modelo

global e totalitário à medida em que negava os outros saberes. Entretanto, o conceito de ciência está sujeito à várias perspectivas que foram apresentadas no decorrer da presente pesquisa (especialmente, no item 1.1.1). Dessa forma, compreende- se que existem variados e múltiplos saberes, cada qual ligado ao seu campo e apresentando suas próprias verdades.

Em um segundo momento, na categoria “Lacan e as ciências”, a pesquisa veio tratar da visão do referido autor sobre as ciências, bem como apresentar de que maneira, em alguns momentos da sua obra, há traços que evidenciam a cientificidade da psicanálise denotando a posição do teórico a respeito do tema pesquisado. Nessa perspectiva, Lacan (1953-1954) explicita que Freud avança numa pesquisa que não é marcada pelo mesmo estilo que as outras pesquisas científicas, sendo que seu domínio é a verdade do sujeito. Essa pesquisa que se preocupa com a verdade, não é totalmente redutível à pesquisa objetiva e, objetivante, do método científico comum. Aquela preocupação (com a verdade do sujeito) delegou às suas relações com os pacientes, um caráter singular.

De acordo com tais pressupostos destaca-se que, ao passo que as ciências praticadas segundo o modelo Moderno hegemônico (métodos hipotético-dedutivo e lógico-experimental) priorizam a observação e o olhar, a psicanálise prioriza o ouvido e a escuta. Escuta esta, fundamentada em um corpo teórico consistente e na vivência prática do analista no setting terapêutico. A escuta do analista é o instrumento de trabalho essencial da psicanálise, uma vez que ela, por intermédio da atenção flutuante, vai ao encontro da singularidade do sujeito, identificando a situação do mesmo no mundo da linguagem, por intermédio de uma cadeia de significantes que ele apresenta ao longo do processo de análise.

O terceiro momento da pesquisa, vem apresentar a “psicanálise enquanto ciência do singular”, demonstrando e enfatizando os aspectos peculiares da técnica psicanalítica. Nessa concepção, a partir dos critérios apresentados por Abaggnano (2007) e exigidos para garantir a validade das ciências (apresentados no item 1.1.3), pode-se dizer que a psicanálise é demonstrável, como método segue uma escuta rigorosa, possui um corpo teórico consistente,

um poder de descrição tanto singular quanto genérico, além de ter uma teoria auto corrigível possuindo, assim, o raciocínio de aperfeiçoamento (critérios estes, explicitados no item 1.1.3).

CONCLUSÃO

Pôde-se evidenciar que perante a existência de uma multiplicidade de saberes e áreas do conhecimento, é fundamental compreender as ciências no plural e não as reduzir a um termo que traduza uma ideia de absoluto. Assim, entende-se que não existe unicamente “A Ciência”, mas sim, as ciências.

Perante os dados teóricos apresentados, discutidos e supracitados no decorrer da referida pesquisa, observa-se que a cientificidade da psicanálise pode ser aventada. No entanto, cabe ressaltar que o estudo em questão marca o início de uma pesquisa que abre a possibilidade de estudos futuros. Nessa perspectiva, a resposta acerca da cientificidade da psicanálise encontra-se num processo de construção, e este artigo pode fundamentar possíveis novas investigações a respeito da temática apresentada.

Cabe enfatizar, que a ciência psicanalítica está para além de um cientificismo sistematizado, ou de um saber hegemônico. Ela é uma ciência que não exprime “A Verdade”, contudo, verdades. Uma ciência do singular.

THE ISSUE OF SCIENTIFICITY OF PSYCHOANALYSIS IN JACQUES LACAN

ABSTRACT

This paper presents a discussion of the scientific nature of psychoanalysis, based on the theoretical contribution of the psychoanalyst Jacques Lacan, which puts forward the hypothesis that it is a science of the singular that privileges the truth of the subject of the unconscious by listening. his work begins with a discussion of the sciences in order to understand them in their plurality and to demystify a supposed hegemony of modern science in hypothetical-deductive and

logical-experimental formats. t presents the contributions of authors such as Chalmers (1993) and Badiou (1996) to the discussion of the sciences as well as the scientific criteria of N. Abbagnano (2007). This contribution continues with comments on some of Lacan's references to the sciences and the scientificity of psychoanalysis and concludes with a renewed commitment to the thesis, which is enduring in Freud's work, that his creation is a science.

Keywords: Psychoanalysis. Sciences. Lacan. Singular.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARAÚJO, W. R. M; SIQUEIRA, A. M. O. O “acontecimento” como procedimento da verdade na perspectiva ontológica de Alain Badiou. **REVES – Revista Relações Sociais**, cidade, v. 1, n. 1, p. 12, 2018.

CARVALHO, Wanderley Magno de. **Investigações sobre os estados melancólicos**. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ensino Superior. Juiz de Fora, 2002.

CARVALHO, Wanderley Magno de. **Psicanálise**: ciência do singular. 246f. 2017. Tese (Doutorado em psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-AQGGYG/1/tese_wanderley_magno_de_carvalho.pdf. Acesso em: 10 set. 2020.

CARVALHO, Wanderley Magno de; NETO, Oswaldo França. Heidegger e as ciências: uma abertura para uma ciência psicanalítica. **Revista Affectio Societatis**, v. 16, n. 31, 2019.

CHALMERS, A. F. **O que é ciência afinal?** Tatuapé: Brasiliense, 1993. (Trabalho original de 1976).

HANNA, M. S. G. F. **A transferência no campo da psicose**: uma questão. Rio de Janeiro: Subversos, 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. *In*: **Escritos/Jaques Lacan**; Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, J. (1953-54) O seminário, livro 1: **Os escritos técnicos de Freud.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979. 463p.

LACAN, J. O seminário, livro 3: **As psicoses.** Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 1956. 380p.

LACAN, J. O seminário, livro 4: **A relação de objeto.** Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 1957. 460p.

LACAN, J. O Seminário, livro 17: **O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1969-1970. 232p.

LAVILLE. C; DIONNE. J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 139p.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p.51-52,54.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

STRACHEY, James. In: FREUD, S. (1911-1915 [1914]) **Artigos sobre Técnica**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago,1969.